

125604

O HUMOR E O FANTÁSTICO NA LITERATURA

Tércia Montenegro Lemos*

INTRODUÇÃO

Em *Comicidade e Riso*, Vladimir Propp fala das várias modalidades do cômico, baseando-se num estudo comparativo de diversas obras da literatura russa. Ao fim desta leitura, elaboramos uma hipótese: existiria um humor latente no fantástico? Em caso afirmativo, caberia identificarmos a causa e o tipo desse humor.

Como este trabalho não tem por objetivo uma análise detalhada de textos literários, a bibliografia que iremos utilizar se refere basicamente a ensaios que tratam do humor ou do fantástico. Nossas conclusões se basearão, portanto, em algumas inferências que a leitura desses estudos pode permitir.

O que pretendemos, em suma, é fazer algumas reflexões sobre uma possível associação entre os mecanismos psicológicos que instauram o cômico e o fantástico, face às reações do leitor. Parece-nos que, se pudermos nessa perspectiva conceptualizar ambos os gêneros, como se fossem gerados a partir de procedimentos comuns, não será descabida nossa hipótese.

O FANTÁSTICO

Definir a literatura fantástica ainda é tarefa polêmica. Todorov, com aceitável didatismo, apontava a hesitação do leitor como principal condição para o fantástico. Haveria obrigatoriamente uma sensação de surpresa diante do extraordinário, coisa que não acontece no maravilhoso (sempre estruturado em ambientes de fantasia, propícios à imaginação). Também, no fantástico, o inverossímil permaneceria sem justificativas ou esclarecimentos racionais (que geralmente explicam os fatos absurdos, identificando-os com sonhos ou alucinações). Neste caso, teríamos o *estranho*, modalidade que culmina numa espécie de final feliz, solução de todos os enigmas sobrenaturais apresentados no texto.

Assim sendo, se o leitor interpretar que as leis da realidade continuam intactas e podem perfeitamente explicar os acontecimentos narrados, a obra passa a situar-se na zona do estranho, extrapolando a órbita do fantástico. Se, por outro lado, ele admite que tudo pode ser compreendido por novas leis da natureza, desconhecidas até então, a narrativa passa a fazer parte do domínio do maravilhoso. Ou seja, o fantástico equilibra-se entre dois gêneros fronteiriços, onde há constantes fusões.

Porém, o fato de definir um gênero em relação aos que lhe são vizinhos gera nova fonte de dúvidas: afinal, até que ponto limites teóricos são encontrados na prática? Salvatore D'Onofrio, em seu artigo sobre o fantástico kafkiano, chega a se perguntar se o estranho pode mesmo ser considerado um gênero literário, e sustenta que "seria mais convincente considerar o fantástico como um macrogênero que incluiria qualquer fenômeno contrário à ordem natural das coisas ou à racionalidade humana."¹

Existem também definições mais históricas, como a de Selma Calasans Rodrigues, que nos fala de um fantástico *strictu sensu*, elaborado "a partir da rejeição que o Século das Luzes faz do pensamento teológico medieval e de toda a metafísica."²

Em nosso estudo, estamos inclinados a admitir a opinião do autor russo. Todorov aborda um ponto decisivo para a hipótese do humor no fantástico: essa hesitação, esse susto que o leitor sente, será, como veremos, igualmente condição para o riso. E os limites estabelecidos — para maravilhoso e estranho — não nos parecem falhos. Na realidade, toda literatura traz impurezas, misturas de gêneros. Mas o fantástico, em sua essência, é realmente uma transição para o mágico, um contraste entre dois mundos que não se justifica.

O HUMOR

O riso seria basicamente uma resposta a certo estímulo que aguçava o nível psicológico do indivíduo a ponto de haver,

* Aluna do curso de Letras da UFC.

¹ D'ONOFRIO, Salvatore. O fantástico kafkiano. In: *Letras & Letras*. Uberlândia, 4 (1 e 2), jun/dez 88. p.227.

² RODRIGUES, Selma Calasans. *O fantástico*. São Paulo, Ática, 1988. p.27.

por parte deste, uma reação, uma espécie de *explosão*. Dessa forma, para conceituarmos o humor, temos de observar duas particularidades da sua natureza:

- 1º) o seu caráter exterior, estimulante;
- 2º) as causas de suas manifestações interiores.

A comicidade possui, naturalmente, várias formas de se expressar (o que dá origem às diversas maneiras de se rir). Mas, tomando o riso como um efeito geral, passemos a estudar seus aspectos componentes. Ou seja, que mecanismos, psicológicos ou lingüísticos, podem levar um ser humano a rir? Haverá situações para as quais todas as pessoas terão que reagir com o riso ou este é provocado por elementos de ordem interna ou puramente subjetiva?

Diz Propp:

O riso é provocado pela repentina descoberta de algum defeito oculto.³

Daqui pomos em destaque a expressão *repentina descoberta* e fazemos um paralelo com o que há pouco falamos de Todorov. Parece sensato estabelecermos uma relação causa/efeito: a aparição súbita de algo levando ao susto (hesitação) e / ou ao riso.

Por *defeito* entenda-se o sentido de uma disparidade, coisa pouco usual. Desse modo, qualquer relação de contraste com as normas (sociais, mentais etc.) aceitas pode gerar humor: um aspecto (físico ou intelectual), uma semelhança ou diferença muito acentuada em relação a um referente, uma comparação ou paródia... Em todos os casos, o riso demonstra a impiedade diante do incomum. Porque a natureza humana sente-se atingida quando algo foge às regras habituais e, se este fato insólito não for revoltante nem comovente, soará ridículo. O homem, rindo, vinga “sua personalidade, constrangida à atenção, à coerência, ao respeito, ao medo, que nos são impostos por nós mesmos ou por outrem. Por isso tal libertação é alegre e, às vezes, gloriosa.”⁴

Este, o aspecto exterior, estimulante :algum motivo nascido de uma quebra de padrões inesperada, levando o indivíduo ao desabafo. Mas há também na reação do riso motivações de ordem interna ao próprio indivíduo, coisas de seu mundo interior. E são essas manifestações interiores que agora nos cumpre analisar.

Com efeito, para que se dê o riso, o componente externo deve necessariamente coadunar-se com as expectativas do indivíduo que está a senti-lo, a recebê-lo. Há de existir uma coerência entre o psicológico humano e a situação exposta. E quem pode discriminar uma regra geral, nesse caso? Como

em qualquer questão ligada à subjetividade, é arriscado afirmar alguma coisa. Onde entra o humano, o interno, entram as dúvidas e exceções. Teoricamente, as desproporções ou faltas de correspondência suscitam o riso. Mas podem não fazê-lo, por razões individuais que fogem pelos domínios da psicologia.

É ainda Propp que afirma:

A dificuldade está no fato de que o nexos entre o objeto cômico e a pessoa que ri não é obrigatório nem natural. Lá, onde um ri, outro não ri.⁵

O HUMOR E A LITERATURA FANTÁSTICA

Em seu livro, Vladimir Propp refere-se ao exagero e ao alogismo como fontes de humor. No primeiro caso, diz que “o exagero é cômico apenas quando desnuda um defeito. (...) É possível demonstrá-lo através do exame das três formas fundamentais de exagero: a caricatura, a hipérbole e o grosseiro.”⁶ E passa às definições destas modalidades: a caricatura seria o exagero de algum pormenor, a hipérbole, uma variedade caricatural que deformaria o todo e não somente os detalhes; o grotesco, um “exagero que extrapola completamente os limites da realidade e penetra no domínio do fantástico.”⁷ Eis, portanto, a primeira vez em que vemos o etnólogo russo referir-se ao ponto de nosso estudo. Deixemo-lo continuar:

Porém, o exagero não é a característica única do grotesco. O grotesco nos faz sair dos limites de um mundo realmente possível. (...) O grotesco é cômico quando, como tudo o que é cômico, encobre o princípio espiritual e revela os defeitos. Ele se torna terrível quando o princípio espiritual se anula no homem. (...) O grotesco é possível apenas na arte e impossível na vida.⁸

Estas são conclusões que já trazíamos enraizadas em nossa mente, mas precisávamos formular: o humor pode estar presente no fantástico, devido à sua ligação inevitável com o exagero, o improvável, que revela algum defeito de modo súbito. Tal defeito não poderá jamais provocar comoção ou revolta, sob pena de tornar-se terrível. Assim é que o riso ocorre, num estreito limite de vingança do homem contra o mundo, entre barreiras que, se ultrapassadas, transformam o cômico no trágico.

A respeito do alogismo, é redundante nomeá-lo característica do fantástico. Definindo a falta de lógica como “incapacidade de juntar uma consequência com suas causas”⁹, encontramos na literatura fantástica a natural incoerência de um mundo aparentemente normal que se “irrealiza” subitamente, sem explicações. E este é, sem dúvida, um elemento com possibilidades fortes de tornar-se ridículo.

³ PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo, Ática, 1992. p.55.

⁴ PEIXOTO, Afrânio. *Humor*. Ensaio de breviário nacional do humorismo. Rio de Janeiro, W.M.Jackson, 1947. p.9-10.

⁵ PROPP, Vladimir. op. cit. p.31.

⁶ *Ibidem*, p.88.

⁷ *Ibidem*, p.91.

⁸ *Ibidem*, p.92.

⁹ *Ibidem*, p.108.

CONCLUSÕES

Já abordamos a possibilidade de um humor latente no fantástico. Identificamos a causa de tal comicidade com a própria natureza desta literatura, cheia de exageros e alogismos. Agora, sobre o tipo de riso que daí surge, veremos alguns pontos.

Em primeiro lugar, o leitor comum não ri sarcasticamente dos desvarios fantásticos. Não nos parece viável que ele zombe dos propósitos do autor, desacreditando de suas palavras. Em cada estilo literário há de existir uma cumplicidade entre receptor e obra. Se ambos não se ajustam, se o leitor não compreende as abrangências do texto, a leitura será falha. Entendemos a literatura fantástica como um fenômeno artístico porque estético e, nesse panorama, cabe ter a consciência de seus objetivos, nos quais certamente não se inclui a verossimilhança.

Porém, não são apenas o exagero e a falta de lógica a impulsionarem o riso. Se postos em ambiente favorável às surrealidades (ideal do maravilhoso), eles parecem completamente admissíveis e prováveis. Ao lermos um conto de fadas, não é estranho nem ridículo encontrarmos pela frente seres ou situações mágicas, pois já estamos preparados para isso. Nos textos fantásticos, ao contrário, há o choque, a desarmonia inesperada de que falamos. E o riso que daí nasce vem como se disséssemos: "Mas quanta imaginação! Que loucura se isso pudesse acontecer!"

Sabemos que não acontece. E, no entanto, rimos como se, naquele momento, nos déssemos conta da vastidão da mente humana, de suas potencialidades de fuga por um mundo ilimitado. É um riso de satisfação, quando o homem se vê livre pelo seu próprio poder criador. Um riso que fica entre o desejo e o medo do impossível. Afinal, o homem não é apenas um animal racional, como quis Aristóteles. Ele é também um animal que ri.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- D'ONOFRIO, Salvatore. O fantástico kafkiano. In: *Letras & Letras*. Uberlândia, 4 (1 e 2), jun/dez 88.
- PEIXOTO, Afrânio. *Humor*. In: __ Ensaio de breviário nacional do humorismo. Rio de Janeiro, W.M.Jackson, 1947.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo, Ática, 1992.
- RODRIGUES, Selma Calasans. *O Fantástico*. São Paulo, Ática, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara C. Castello. São Paulo, Perspectiva, 1975.